

## **A Educação em Adorno e o combate à origem e à disseminação da violência entre os jovens**

Solange Moreira Leão\*

**Resumo:** Este texto procura investigar o problema da violência entre os jovens à luz do pensamento de Theodor Adorno, que na obra *Educação e emancipação* assume a tese de que a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência humana. A educação é capaz de ajudar a guiar e a transformar crianças e jovens em indivíduos emancipados? Até onde chega o poder do conhecimento e do esclarecimento? Adorno procura responder a essas questões, assumindo uma visão crítica acerca do papel da educação e da cultura na formação de uma sociedade emancipada. Para esse pensador, somente por meio da liberdade e do seu completo engajamento político-social, o homem seria capaz de construir uma sociedade igualitária, superando a alienação e a nulidade social. Em seu projeto de educação, Adorno alerta para a importância de proteger sem cercear a capacidade individual de cada ser humano, procurando um meio de educar para que a formação de grupos seja algo positivo e não um criadouro da violência e da barbárie. Assim, a educação objetiva alertar as pessoas para o combate à barbárie, de maneira que elas se dêem conta do caráter negativo dessa realidade e que tentem se colocar fora dela.

**Palavras-Chave:** Violência, cultura, barbárie, educação, capitalismo.

**Abstract:** his paper investigates the problem of violence among young people in the light of the thought of Theodor Adorno, who work in education and emancipation takes the view that the attempt to overcome the barbarism is crucial for human survival. Education is able to help guide and transform children and young people emancipated individuals? How far the power of knowledge and enlightenment? Adorno seeks to answer these questions, taking a critical view of the role of education and culture in the formation of an emancipated society. For this thinker, only through freedom and its full political and social engagement, the man would be able to build an egalitarian society, overcoming the alienation and social void. In its education project, Adorno points to the importance of protecting without stifling individual capacity of each human being, looking for a means to educate for the formation of groups is a positive thing and not a breeding ground of violence and barbarism. Thus, the objective education to alert people to the fight against barbarism, so that they realize the negative character of this reality and try to put it out.

Keywords: Violence, culture, barbarism, education, capitalism.

Em seu livro *Educação e Emancipação*, T. W. Adorno (1995) discorre acerca da violência, que é a filha direta da insatisfação e que eclode tão facilmente quanto é produzida e alimentada pela massificação das idéias e pela materialização da felicidade humana em objetos sempre inalcançáveis. Na concepção adorniana a banalização da violência é também fruto da alienação produzida pelo que ele chama de “bovina conformação” gerada pela aceitação dos pseudos valores sociais impostos por uma cultura de massa, pelo consumismo e pela competitividade desenfreada.

A obra de Theodor Adorno é marcada por uma crítica incisiva ao que ele chama de Indústria Cultural, entendida como a perda da essência da cultura a partir do momento que ela ganha caráter comercial, isto é, quando passa a ser produzida em massa. No modelo do sistema capitalista a cultura vira um objeto de manipulação das consciências, de conquista e manutenção do poder entre os indivíduos. Nesse contexto, o meio cultural adquire *status* de diversão, e diversão é sinônimo da ausência do pensar, de alienação. Quanto aos meios de comunicação de massa, Adorno afirma que estes não são neutros, pois defendem interesses geralmente escusos.

### **A relação entre a cultura da barbárie e a educação**

Segundo Adorno (1995) a transformação da cultura em algo vazio alcançou também a educação. Quando trata da questão da barbárie, este filósofo busca referência em Freud, que mostra em seus escritos, a tendência não civilizada dos indivíduos. A educação ganha uma importância muito grande, pois é o meio para evitar que os homens não sigam a tendência anti-civilizatória, que não sigam a barbárie. A educação deve ser, então, dirigida à auto-reflexão e à auto-análise, deve começar desde a infância.

A competição, tão incutida na forma de se educar, seria, para esse pensador, um retrocesso no que se refere a uma educação humana. O capitalismo dos tempos atuais estimula a competição, pois para este ela significa sobrevivência, progresso. Em sua crítica, Adorno acredita que a competição faz parte da educação contemporânea e representa o instrumento central para aumentar a “eficiência” do sistema e, conseqüentemente, a barbárie. A educação que tem por base a competição que prepara o sujeito para a “vitória”, para ocupar altos cargos dentro do sistema, mas não forma de fato e de direito o indivíduo. Ao reafirmar a competição, a escola se torna um ambiente

de exclusão e de preparação para sujeitos egocêntricos. Assim, a educação que se compreende verdadeiramente como emancipatória tem que se apresentar com novos métodos, construir outra noção de condição humana e romper com os vícios e as vicissitudes humanas entre elas, a barbárie.

Juntamente com Adorno (1995), podemos dizer que a banalização da violência há muito deixou de ser uma possibilidade e passou a ser uma realidade, é fruto da cultura de massa, da competição e do capitalismo consumista. Assistimos hoje a ações de agressividade, que se furtam de um ideal produtivo, de uma orientação filosófica e que explodem em atos violentos, causando grandes prejuízos tanto em quem agride quanto em suas vítimas. Trata-se de um círculo vicioso. É neste contexto que colocamos a questão do sentido e do alcance da educação, relacionado ao problema da barbárie e da violência na escola.

Educação tem sido apontada como a “tábua de salvação” da humanidade, mas isso deve ser visto com cautela já que sabemos que há outros agentes formadores de cultura. De um lado, a família, que já foi a base forte na formação do cidadão, se modificou ao longo do tempo e passa, hoje, por um processo de desestruturação e reestruturação e nessa falta de estabilidade, se vê incapaz de, sozinha, garantir a criação de um sujeito emancipado. De outro lado, há que se destacar que as pessoas estão se perdendo dentro da cultura de massa e do consumismo, gastando suas forças na luta pela sobrevivência dentro de uma sociedade competitiva e desigual. Neste sentido, nos perguntamos: o que resta para dar suporte ao cultivo da moderação e ao enriquecimento do caráter humano das crianças e jovens? Estamos perdendo a capacidade de “ver o outro” e cada dia mais nos fechamos em grupos egocêntricos e preconceituosos.

Na vida adulta acontece a hipervalorização do trabalho e do patrimônio, como consequência a qualidade de vida torna-se cada vez mais baixa. Este é o preço que se paga pelo sucesso financeiro, pois a busca pela aprovação do meio retira o valor das pequenas coisas. O maior medo das pessoas hoje é não possuir certo bem de consumo e ficar em desvantagem com o vizinho ou colega de trabalho. A cultura de massa provoca a cobrança do sucesso financeiro: “Ser é igual a Ter”.

Ao se unir em torno de uma idéia compartilhada e incentivada pela sociedade de consumo, o indivíduo se perde no meio dos modismos e é anulado pelos mesmos, se tornando uma “coisa” amorfa e obtusa, que posteriormente buscará, por todos os meios,

ser notado e ovacionado e, então, sair da qualidade de comum, de mais um. Sobre isso Adorno declara:

De uma perspectiva sociológica eu ousaria acrescentar que nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se integra cada vez mais, gera tendências de desagregação. Essas tendências encontram-se bastante desenvolvidas logo abaixo da superfície da vida civilizada e ordenada. A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destroçar o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência. Junto com sua identidade e seu potencial de resistência, as pessoas também perdem suas qualidades. (1995, p. 122)

Theodor Adorno considera que os indivíduos estão sendo distraídos e enganados pela cultura de massa: enquanto se “distraem” de seus problemas cotidianos, estão sendo alienados e mutilados na sua capacidade de escolha, de decisão, e vêm diminuída a sua capacidade de julgamento individual, preferindo seguir o caudaloso rio das noções conjuntas e, muitas vezes, errôneas. Adorno percebe que a mídia não se volta apenas a proporcionar lazer ou a dar informações aos seus espectadores, mas faz parte do que ele chama de indústria cultural. Uma imensa ferramenta composta por milhares de aparelhos de transmissão e difusão que visa produzir e reproduzir um clima conformista e dócil na multidão passiva. Concordar e nada fazer é uma atitude muito usada em alguns casos e foi exatamente esse tipo de atitude, de acordo com Adorno, que gerou Auschwitz e o extermínio de milhares de pessoas na Alemanha nazista.

O pensador em questão lembra que é necessária extrema cautela na classificação do que pode ser entendido por violência. Nem sempre um ato violento provoca dano físico, porém, até mesmo o tratamento desdenhoso a um semelhante pode representar violência. Ato de violência têm sido praticados e não raras vezes se tem dado o nome de “protestos” a estas ações como forma de justificar sua existência, o que nos leva a questionar a validade disto, visto que o saldo de tais atos tem gerado um acúmulo de agressões, criando um círculo vicioso e anulando valores que deveriam ser primordiais ao caráter humano e à vida humana em sociedade. Tudo isso vem glorificar o impulso de destruição, hoje, já reconhecido na raça humana, e contribuir para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a implodir em função da barbárie instituída ou a se esfacelar diante da derrota da alteridade, da moderação e do respeito mútuo entre a espécie humana.

### **Adorno e a Escola de Frankfurt: educação, esclarecimento e desbarbarização**

A Escola de Frankfurt<sup>1</sup> a qual Adorno pertence, incentiva a construção de uma insatisfação com a barbárie estabelecida pela cultura de massa, incitando a busca por um saber racional e crítico-reflexivo ao invés de aceitar o embuste da objetificação<sup>2</sup> do sujeito.

Em seus aspectos gerais, no pensamento de Adorno (1995) o indivíduo é o único responsável pelo meio em que vive, e ao se reconhecer como sociedade ele é capaz de se sobrepor ao medo e se libertar construindo uma noção mais clara daquilo que pode anular os impulsos agressivos, alcançando assim um nível maior de esclarecimento e um aumento considerável em sua qualidade de vida. Mais especificamente para Adorno, a educação pode ser a ponte que levará o homem a entender sua espécie, seu igual, e que possibilitará a busca por um saber racional não instrumental, isto é, por um saber que leve em conta as subjetividades, identidades e diferenças. Isso significa que através do conhecimento o indivíduo pode se preparar para fugir das armadilhas sociais e pseudo-culturais. Se educarmos bem uma criança ela pode se tornar um indivíduo consciente e co-participativo capaz de conseguir para si um equilíbrio emocional que é a “arma” principal contra as injustiças e desigualdades, pois através do equilíbrio é possível perceber a melhor atitude frente a um desafio ou obstáculo. O Esclarecimento traz ao indivíduo a capacidade de representar a si mesmo sem egocentrismo e com

---

<sup>1</sup> A Escola de Frankfurt é o nome dado ao grupo de pensadores alemães do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, fundado na década de 1920. Sua produção ficou conhecida como teoria crítica. Esses pensadores possuíam a preocupação de estudar variados aspectos da vida social, de modo a compor uma teoria crítica da sociedade como um todo. Para tanto, investigaram as relações existentes entre os campos da economia, da psicologia, da história e da antropologia.

<sup>2</sup> A objetificação é a representação, referência ou uso de pessoas de forma a ignorar, menosprezar ou desprezar aspectos da sua individualidade humana como sua afetividade, seus interesses e valores, sua autonomia e suas idiosincrasias ou sua dignidade, como é comumente feito com objetos.

consciência de que trabalhando em conjunto perceberá o significado da vida em sociedade.

Dentro do projeto de emancipação do esclarecimento Marcuse<sup>3</sup>, outro pensador da Escola de Frankfurt, insiste:

Preparar o terreno para esse desenvolvimento ainda faz da emancipação da consciência a tarefa primordial. Sem isso, toda a emancipação dos sentidos, todo ativismo radical, permanece cego, frustrado em seus intentos. A prática política ainda depende da teoria da educação, persuasão - e Razão. (...) O desfecho depende, em grande medida, da capacidade da jovem geração - não para "cair fora" e não se acomodar, mas para aprender como reagrupar-se após a derrota, como desenvolver, com a nova sensibilidade, uma nova racionalidade, para suportar o longo processo de educação - o indispensável requisito prévio da transição para a ação política em grande escala. (MARCUSE, H. 1981. pp. 128-129).

Juntamente com Marcuse (1973) e contra a violência, acreditamos na necessidade de mudanças na forma de se educar. Por exemplo, dentro do currículo estudantil, consideramos que o ensino da Filosofia possa preencher uma lacuna importante na educação das crianças e jovens, concedendo-lhes ferramentas necessárias para lidar com as dificuldades e os contratempos da vida adulta.

Ponderação, tolerância, respeito ao próximo, capacidade de cooperar, paciência e espírito de liderança – sem competitividade negativa – são virtudes que devem ser incentivadas desde a primeira infância se quisermos construir um mundo melhor, e principalmente, com pessoas melhores e que saibam trabalhar lado a lado para evitar a disseminação da violência.

De acordo com pesquisas, permitir que crianças e jovens tenham acesso à educação, é um dos fatores que diminuem o nível de criminalidade e reduzem a incidência (ou reincidência) de casos de violência de qualquer espécie. Mas é importante frisar também que a educação, sozinha, não pode resolver todos os problemas, pois não é uma “tábua de salvação”. A educação é fundamental na melhora

---

<sup>3</sup> Herbert Marcuse, assim como Adorno, é um membro da escola de Frankfurt. Tornou-se um dos principais críticos da sociedade capitalista de consumo e foi inspirador ideológico do movimento estudantil de protesto que eclode na França e nos EUA em maio de 1968.

da qualidade de vida de um indivíduo, mas para ser totalmente funcional, necessita do apoio de uma estruturação política, econômica e social.

A educação pode ser a solução contra os níveis altíssimos de violência e de criminalidade? A resposta a esta indagação é incerta e depende de uma grande transformação na linha pedagógica e no próprio processo de ensino. Depende também do fato de que a própria educação seja utilizada não apenas como uma forma unilateral de se transmitir conhecimento, mas de formar cidadãos por meio de um processo de mediação entre a escola, o indivíduo e a sociedade. Nesse sentido, é importante ressaltar a diferença entre “educar” e “ensinar”, o que temos visto nas escolas atuais é o preparo do profissional para o mercado de trabalho e não para assumir seu lugar de indivíduo esclarecido dentro da sociedade em que vive.

O quadro apresentado até aqui gera a violência que tem sido uma das principais preocupações da sociedade contemporânea. O que era considerado como fruto da desigualdade, deixou de ser predominante da população de baixa renda e tem alcançado os altos degraus da chamada classe A. O que era fruto direto da pobreza e da má qualidade de vida, hoje se encontra presente também entre os cultos e bem nascidos. Observa-se nesse fato que as raízes da violência são mais profundas do que poderíamos supor; essas raízes estão incutidas em nossa cultura, por vezes, dado sinais de parecer ser inato ao homem.

Adorno acredita que esse quadro de violência deve ser combatido constantemente por meio de uma educação do homem integral e da valorização das virtudes humanas. O desenvolvimento somente virá, de acordo com os pensamentos Frankfurtianos, através da “emancipação” do ser humano. Quando o homem se apossar do conhecimento de forma crítica e fugir do ativismo radical; quando souber usar a razão e a intuição; quando souber a diferença entre copiar atitudes e ser autêntico. Este mesmo pensador chama a atenção para a importância da desbarbarização através da educação e da valorização de sentimentos que provoquem asco à prática da violência. Em defesa de uma educação contra a barbárie, afirma que não pretende

(...) nada além de que o último adolescente do campo se envergonhe quando, por exemplo, trata um colega com rudeza ou se comporta de um modo brutal com uma moça; quero que por meio do sistema educacional as pessoas comecem a ser inteiramente tomadas pela aversão à violência física. (ADORNO, 1995, p.165)

Adorno considera extremamente necessário que seja ensinado e cultivado o hábito da reflexão entre os jovens, pois somente através da análise cuidadosa de determinada situação, pode-se perceber a melhor atitude frente ao problema, isso quer dizer que não temos que aceitar passivamente a imposição de idéias. Devemos isto sim, fazer uso de nosso direito de escolha e respeitar o mesmo direito que pertence também ao nosso semelhante/diferente. Caímos então no dilema educacional do século: como educar os jovens para que realmente saibam refletir sobre o uso da violência e da barbárie? Como lhes “ensinar” a respeitar o diferente, o não-eu? O que fazer com quem pensa e é diferente? Todos esses pontos norteiam e definem os rumos que a educação deve tomar, de maneira que cumpra sua função de não deixar que o homem siga o caminho da barbárie. E isso significa abrir-se à perspectiva do esclarecimento, que nas palavras de Immanuel Kant, significa

a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade. Menoridade esta que é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. E o culpado dessa menoridade é o próprio indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. (KANT, 1985. p. 63-64).

No pensamento de Adorno se abster de atitude também não é a forma certa de lidar com os problemas. Para ele, erra da mesma forma aquele que se isola em sua individualidade justificando sua atitude com frases como: “não tenho nada a ver com isso”, ou “eu e meu grupo não começamos isto”, e outras tantas frases feitas, usadas atualmente como se fossem válidas e, portanto, escudo protetor que permite o uso da passividade negativa e da máscara da inocência. Sobre o Esclarecimento e sua contraposição à barbárie Adorno afirma:

(...) no momento refiro-me a (...) questão da capacidade de alienação do indivíduo. Penso que, além desses fatores subjetivos, existe uma razão objetiva da barbárie, que designarei bem simplesmente como a da falência da cultura. Esta questão central para mim é decisiva; é a isto que me refiro com a função do esclarecimento, e de maneira nenhuma a conversão de todos os homens em seres inofensivos e passivos. Ao contrário: esta passividade inofensiva constitui, ela própria, provavelmente, apenas uma forma da barbárie, na medida em que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo. (1995, p.165.)



Segundo Adorno (1995) é necessário reestruturar todo sistema educacional colocando como base o preparo do aluno e sua capacitação à vida social, controlando seus impulsos agressivos e canalizando-os de forma positiva para a conquista de um nível maior de entendimento e respeito entre os indivíduos e o meio em que vivem. Apesar do mais alto nível de conhecimento tecnológico e científico, o sujeito ainda se encontra atrasado em relação a sua própria civilização e é constantemente tomado por um sentimento de agressão primitiva, um impulso de destruição que institui o que se denomina barbárie e desconstrói toda civilidade presente.

Adorno nos alerta para a necessidade de nos contrapormos a essa ausência de consciência e de evitarmos que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. E, nesse sentido, declara: “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (1995, p. 121). Assim, o aprendizado do uso da consciência deve ser aplicado desde os primeiros anos escolares para que faça parte de forma natural da personalidade do indivíduo. Freud já considerava que todo caráter se constrói na infância. A partir dessa perspectiva, destaca-se a importância de uma educação na primeira infância que zele pelo fortalecimento da autonomia do sujeito.

Por esses caminhos, Adorno (1995) propõe um esclarecimento intelectual, cultural e social, que permita a conscientização do indivíduo e, conseqüentemente, sua ação refletida e moderada. Uma consciência mutilada costuma gerar insegurança e medo, que automaticamente se transforma em violência quando é criticada. “Basta prestar atenção em uma pessoa inculta, que ao ser criticado até mesmo a sua linguagem se torna ameaçadora, como se os gestos da fala fossem de uma violência corporal quase incontrolada” (ADORNO, 1995, p.127). A dificuldade que encontramos para controlar em nós mesmos um surto de raiva, no meio do trânsito, por exemplo, nos mostra a fragilidade da chamada “civilidade humana”; colocamos a culpa no stress cotidiano e não imaginamos que essa falta de controle é um sinal assustador do quão próximo estamos da barbárie.

A cultura de massa, em sua busca de padronização, dita também a moda a ser seguida e cria uma imagem impossível de ser alcançada, provocando descontentamento e baixa estima, que por sua vez se transforma em rancor e gera, não raras vezes, atitudes de rebeldia com os parâmetros considerados normais. Alguns jovens copiam estilos para

parecerem diferentes e se unem em tribos assumindo uma posição de repúdio com quem não segue os mesmos parâmetros que governam suas condutas, seus pensamentos e suas aparências físicas. É a cultura do “individualismo em grupo”.

Por outro lado, a mídia tem construído e desfeito imagens ao longo do tempo, fazendo com que as pessoas vivam sempre insatisfeitas, buscando um ideal de felicidade inalcançável. Ao ilustrar a violência e banalizá-la, a mídia transforma o espectador em uma criatura destituída de consciência comunitária. Adorno considera que na perspectiva da indústria cultural, a tecnologia e a ciência têm sido empregadas para impedir que as pessoas tomem consciência de suas condições de desigualdade.

Um trabalhador que em seu horário de lazer deveria ler bons livros, ir ao teatro ou a concertos musicais – tornando-se uma pessoa mais culta, questionadora e engajada politicamente – chega em casa e se senta à frente da TV para esquecer seus problemas, reproduzindo os mesmos valores ali apresentados em sua rotina de trabalho e familiar. É desta forma que a indústria cultural exerce controle sobre a massa. Como resultados, ao invés de cidadãos conscientes, têm apenas consumidores passivos e sem opinião, portanto, inaptos a questionar ou modificar as desigualdades reinantes, posto que a banalização da violência, propagada pela TV o torna insensível aos problemas locais e mundiais, transformando-o num fantoche vazio ou num instrumento maleável a ser usado com intuítos escusos.

### **Considerações Finais**

À guisa de considerações finais nos perguntamos: qual é o papel da educação diante desse quadro? A educação precisa se preparar para esclarecer as pessoas sobre o barbarismo dissimulado que é difundido pela mídia e aceito por muitos de nós como cultura; deve esclarecer os jovens e prepará-los para que possam fazer escolhas conscientes frente ao que está posto em nosso dia-a-dia, ao invés de aceitarem o domínio e a imposição de modismos lançados pela adoração ao consumismo desenfreado, que tem contribuído para a disseminação da violência. A escola não pode ser mais ser uma reprodutora da barbárie externa porque sua condição social é a de educar e de conduzir os educandos, no sentido mais estrito e essencial do termo, e, por consequência, deve conter e instruir as novas gerações em relação aos impulsos da barbárie.

Em outras palavras, a educação pode contribuir na árdua tarefa de “frear” a violência por meio da conscientização do indivíduo, fornecendo ao mesmo as “armas” necessárias para lutar contra a passividade negativa que tanto tem contribuído para manutenção desse estado de desigualdade e conseqüente aumento do índice de violência entre crianças e jovens. Aceitar o que está errado é tão prejudicial quanto criar o erro. Nesse sentido, com afirma Adorno: “desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie” (ADORNO, 1995, p 131). A educação “emancipatória” é uma via capaz de combater a barbárie. Ela evita a repressão, se distanciando da reprodução tecnicista e focalizando o aspecto produtivo da vida humana. Uma educação emancipatória se distancia do caráter industrial e técnico a que a educação formal vem sendo submetida, buscando formar uma cultura de sujeitos livres e críticos.

Assim, podemos dizer que recai sobre a educação a difícil tarefa de ser organizadora da visão social que abrange a adolescência e a juventude. Os Parâmetros curriculares deveriam pretender ampliar o repertório dos adolescentes e jovens, para que tivessem a capacidade de desenvolver outras maneiras de resolver os conflitos e conquistar seus direitos: pela mobilização, pelo diálogo, pelo engajamento político-social e pela capacidade de trabalhar em grupo; e não pela prática da violência que se consoma na barbárie.

### **Referências Bibliográficas**

ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*, Trad. De Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

KANT, Emmanuel. *Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"?* Trad. de Floriano de Sousa Fernandes, in: IMMANUEL KANT/TEXTOS SELETOS; Petrópolis: Vozes, 1985.

MARCUSE, H. *Contra-Revolução e Revolta*. São Paulo, Zahar, 1973.